

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Aposta do governo: taxa das blusinhas e escala 6x1 caem semana que vem

O governo trabalha para aprovar nas comissões, durante o esforço concentrado da próxima semana, as cinco prioridades acertadas com os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), e da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Mas não acredita que todos os projetos serão aprovados agora.

Os comandantes do Congresso sinalizam ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no almoço da quarta-feira, 26, no Palácio da Alvorada, que pelo menos duas das cinco prioridades poderão ser aprovadas neste último esforço concentrado antes das eleições: a Medida Provisória (MP) que zerou a chamada taxa das blusinhas, e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que derruba a chamada escala escala 6x1.

O presidente Lula não desistiu das outras três prioridades e nem os presidentes da Câmara e do Senado avaliaram que não passarão. Mas chegaram à conclusão de que poderão ter mais dificuldades. São elas: a PEC da Segurança Pública; o Projeto de Lei (PL) que estabelece a política de minerais críticos e estratégicos; e o PL do Redata (Regime Especial de Tributação para Serviços de Datacenter).

Foi acertado que é possível aprovar esses três projetos nas comissões. Ficarão prontos para a pauta do plenário, mas precisam de

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

O retorno de Lacerda e Brizola

O lançamento simultâneo dos primeiros volumes de biografias de Carlos Lacerda e Leonel Brizola permite reiniciar o tenso e necessário diálogo entre esses dois grandes políticos, interrompido pela ditadura implantada em 1964.

Por uma dessas ironias — no, caso, também castigo — da história, Lacerda, golpista convicto e juramentado, colaborou para a derrubada de João Goulart para a interrupção de sua vida política. A primeira parte de sua turbulenta atuação é contada em “Lacerda: Coração de tempestade”, de Mário Magalhães.

Um dos grandes adversários do carioca, herdeiro do que costumava classificar de fio da história trançado por Getúlio Vargas, o gaúcho é retratado em “Brizola: Lobisomem contra o império”, de Karla Monteiro.

Ambos editados pela Companhia das Letras, os livros tratam de duas lideranças de atuação radical, que despertavam amores e ódios, que gravitaram em torno do eixo fincado por Vargas. Lacerda governaria a Guanabara; Brizola, o Rio Grande do Sul e, por duas vezes, o Rio de Janeiro.

Um deles foi o pivô da crise que levaria o ex-presidente ao suicídio; o outro, o homem que tentou atualizar o legado do conterrâneo que liderara uma ditadura afinada com propostas autoritárias de direita e que, anos depois, assumira posições mais compatíveis com o lado oposto do espectro político.

A chegada dos livros provoca um saudável debate em torno da república brasileira, da de-

um tempo maior de negociações entre os partidos sobre seus conteúdos.

A ideia é tomar o pulso do Congresso sobre esses textos. Será posto em votação no plenário aquele que já tiver votos suficientes. Se nenhum deles tiver condições, fica para depois das eleições.

Mas a Medida Provisória da taxa das blusinhas tem que ser transformada em lei até o dia 8 de setembro. Por isso, a votação foi considerada como absolutamente urgente. A MP deu poderes ao Ministério da Fazenda para zerar o Imposto de Importação sobre remessas internacionais de até US\$ 50. Se caducar, volta a valer, em plena campanha eleitoral, a taxação de 20% sobre esses produtos.

Já a PEC da 6x1 (essa então!) é decisiva para o desejo do presidente de se reeleger em outubro. Ela é tão importante que fez Lula superar a irritação que tinha com Alcolumbre desde que o Senado derrubou a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Lula passou alguns meses rompido e sem falar com o presidente do Senado, mas acabou aceitando a intermediação dos ministros Alexandre de Moraes e Cristiano Zanin, do STF, para fazer as pazes com Alcolumbre. Sem isso, teria muitas dificuldades em aprovar os projetos de interesse do governo.

Após algumas reuniões em que voltou a se entender com Alcolumbre, o chefe do Executivo acabou fechando acordo com os presidentes das duas Casas do Congresso no tal almoço amigável da quarta-feira, 26.

Se tudo ocorrer como o esperado, os governistas crêem que Lula terá demonstrado capacidade de negociação política bem superior à do seu adversário, Flávio Bolsonaro.

mocracia, do papel dos militares. Permite também reflexões sobre intervenções que, sempre sob pretexto oficial de colocar ordem na casa, bagunçam de vez o processo democrático, feito de inevitáveis e necessários embates entre diferentes visões de mundo.

Ao interromperem o processo histórico, militares — associados a lideranças empresariais e civis, como Lacerda —, impediram que a própria sociedade definisse seus caminhos, que resolvesse suas diferenças.

Obrigado a partir para o exílio, Brizola voltaria 15 anos depois, ainda a tempo de retomar alguma protagonismo. Não conseguiria, porém, ser eleito presidente, acabaria derrotado em 1989 e 1994.

O destino seria ainda mais cruel com a carreira de Lacerda. O cancelamento da eleição presidencial pela ditadura jogou o líder da UDN para a oposição, ele chegaria a ser preso e teria seus direitos políticos cassados.

Em uma de suas típicas reviravoltas, articulou a Frente Ampla com os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, que tanto combatera. Assim como estes ex-adversários, morreria antes de conseguir um retorno à política institucional.

Nas capas dos livros, ambas criadas pelo designer Alceu Chiesorin Nunes, Lacerda e Brizola discursam e têm o olhar voltado para o alto. É interessante colocar os dois volumes lado a lado, disposição permite forjar uma conversa entre os dois grandes oradores.

Uma discussão enfática, inteligente, dura, necessária e enriquecedora. Um debate importante sobre os rumos do país e serve de alerta para a necessidade de impedir qualquer outra tentativa golpista.

EDITORIAL

Revitalizar o passado para transformar o presente

A iniciativa anunciada para a Campinas Decor 2027 oferece uma oportunidade importante para discutir uma questão que vai muito além da arquitetura e da decoração. Trata-se de uma parceria que transforma o interesse empresarial em um instrumento de recuperação do patrimônio público e de requalificação urbana.

A escolha de dois imóveis históricos no Centro de Campinas, o antigo Instituto de Letras e o prédio que abrigou a Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, coloca a mostra diante de uma responsabilidade que a própria trajetória do evento demonstra ser possível cumprir.

As construções serão preparadas para receber a exposição e, depois, devolvidos à Sociedade Campineira de Educação e Instrução (SCEI) revitalizados. As intervenções devem priorizar redes elétrica e hidráulica, pisos, revestimentos e outros elementos, preservando as características originais dos imóveis.

O mérito da proposta está justamente nessa equação. A Campinas Decor precisa de espaços que valorizem os seus ambientes, profissionais, patrocinadores e marcas. Os proprietários, por sua vez, recebem imóveis recuperados. E a cidade ganha aquilo que talvez seja o principal resultado da iniciativa, o patrimônio preservado e novamente ocupado.

Não se trata de filantropia pura, tampouco de negar o caráter comercial de uma mostra que movimenta profissionais, fornecedores, empresas e consumidores. Trata-se de reconhecer que interesses diferentes podem convergir para produzir um benefício coletivo. É uma lógica que Campinas deveria estimular mais.

As experiências anteriores provam que não é uma promessa vazia. Ao longo de cerca de 30 anos, a Campinas Decor participou da recuperação de dez imóveis públicos, com investimentos estimados em R\$ 47,5 milhões, além de intervenções em propriedades privadas de relevância histórica.

O momento é particularmente oportuno, visto que Campinas empenha-se em recuperar a vitalidade de seu Centro, onde prédios importantes convivem com imóveis subutilizados, degradados ou fechados. A própria Prefeitura mantém mecanismos voltados à recuperação de edificações antigas na região central.

O exemplo da Campinas Decor confirma que a revitalização não precisa depender única e exclusivamente dos cofres públicos. Empresas, instituições, proprietários e o poder público podem encontrar novos caminhos e modelos em que todos ganham, incluindo a memória da cidade.

Preservar um prédio histórico não significa transformá-lo em peça de museu. Significa permitir que ele volte a ter função, circulação e significado. O Centro precisa de pessoas, negócios, cultura e atividades que devolvam a vida a ele.

Sempre que o interesse empresarial puder ser associado a esse objetivo, o resultado será o de uma parceria carregada de inúmeras vantagens para ambos os lados.

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal